

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-25

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr.	14
	Semestre	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

ENTREVISTA

com

S. M. EL-REI D. MANUEL II

SUMMARIO: A magistratura regia no constitucionalismo: o Rei reina e governa. — El-Rei D. Manuel: de como, no exilio, S. M. é ainda o mais diligente estadista e o mais laborioso funcionario do seu paiz. — O Senhor D. Manuel e as questões sociaes. Os trabalhos de S. M. antes da revolução. — O proletariado sob o actual regimen; como El-Rei aprecia a obra da Republica em relação ás classes operarias. — A questão de Fazenda. Algumas impressões do Senhor D. Manuel II acêrca da situação financeira do paiz sob a Monarchia e sob a Republica. O dia d'amanhã. — Questões de fomento economico. Alguns pormenores ineditos sobre antigos projectos d'El-Rei: Um grande plano de reconstituição economica. O dr. Léon Poincard e a sua missão em Portugal. — A restauração da Monarchia como condição da ordem. — A colonia portugueza no Brasil. — A Republica e as colonias. — A perseguição religiosa e o que d'ella pensa S. M. — Os mortos, os presos, os exilados. A mulher portugueza sob o regimen monarchico. O consorcio entre o paiz e a Monarchia, como lei historica da nossa nacionalidade. — A obra da Republica. Hontem e hoje. Um quadro da situação nacional. — Como o Senhor D. Manuel II encara a sua função. Uma importante declaração politica de S. M.: El-Rei e a questão da restauração monarchica.

TÁ lá vae o tempo em que Thiers, relembrando a celebre allusão do polaco Zamoyski a Sigismundo III — *o Rei reina mas não governa* — pretendia fazer d'ella como que a chave do systema monarchico representativo, no sentido de privar a magistratura regia de toda a collaboração official intelligente e autonoma, na gerencia dos negocios publicos.

Eram os tempos ideologicos do direito constitucional no continente da Europa. Como se sahia d'um cyclo historico em que o poder do Rei tinha sido absorvente e exclusivo, e se entendia agora que esse absolutismo regio fôra a razão e a origem de todos os males sociaes, logo houve quem pensasse, *a contrario sensu*, que abolindo por completo a realeza se faria logicamente a felicidade publica. Estes espiritos simples fôram os verdadeiros antecessores do nosso actual *republicano por principio*, o qual, como se vê, podendo não ser tão detestavel como o *republicano pelo estomago* ou o *republicano pelo figado*, nem por isso deixa d'abonar-se n'um preconceito politico dos mais ingenuos, inconsistentes e pueris.

Em face porém das decepcionantes lições da experiencia republicana na Europa, imaginou-se encontrar para o problema das fórmulas de governo uma solução eclectica, que com um pouco de boa-vontade poderia passar como inspirada no constitucionalismo inglez, e que era a que se traduzia pelo aphorismo de Thiers.

Visto que a existencia d'um poder fixo, de transmissão hereditaria, se mostrava util como correção aos excessos e incongruencias a que conduzem os regimens exclusivamente electivos, conservar-se-ia a realeza; mas visto que os abusos do poder real haviam determinado o descredito do absolutismo, reduziam-se a quasi nada as faculdades e attribuições do Rei. Este *reinava, mas não governava*.

Não viram os inventores de tal systema o que havia d'aberrativo n'este insubsistente artificio, pelo qual se cuidava poder crear na constituição politica um

orgão sem função ; nem viram que aquillo que contém de superior e de benefico o governo monarchico é exactamente essa *função effectiva* da magistratura regia na vida do Estado, não o méro facto da existencia d'um cargo decorativo e anodyno, cujo titular se chama Rei. Por isso mesmo, e porque na politica as realidades levam de roldão todas as abstractas e mais ou menos engenhosas combinações dos theóricos, nunca houve Monarcha digno d'este nome que não tomasse parte d'uma maneira activa no governo do seu paiz — não, evidentemente, para se oppôr á vontade popular, legitimamente representada, mas ao contrario, para collaborar com ella servindo efficaz e diligentemente os interesses nacionaes, n'aquillo que é da sua jurisdicção.

Precisamente por causa do character vitalicio da sua magistratura, o Rei encontra-se naturalmente destinado a ser o depositario e, mais do que isso, o defensor dos principios e tradições da politica nacional, tanto interna como externa, no que ella possa ter de fundamental, e de alheio ás divergencias dos partidos e aos seus programmas particulares ; é elle quem, unico elemento estavel de governo no movediço mar da politica tal como a fazem os modernos regimens eleitoraes, se encontra em condições de promover e assegurar a continuidade da obra dos estadistas atravez dos variados e incessantes incidentes da vida publica. Por outro lado, a hereditariedade acaba por fixar essas tradições politicas em tradições dynasticas — do que é exemplo frisantissimo a constante politica externa da casa de Bragança — e por dar aos Reis aptidões innatas de dirigentes e d'administradores, que seria insensato desaproveitar.

Em que pese a certos sabiosecos de meia-tigella anciosos por o serem de tigella cheia, a observação dos factos demonstra — e ainda recentemente um illustre professor portuguez o poz em relevo — que a média da intelligencia e da competencia politica e administrativa nas pessoas das familias reaes é consideravelmente superior á media d'essas mesmas faculdades

na população europeia. Uma rápida remomeração dos nomes e da biographia da maior parte dos Monarchas europeus dos ultimos tempos bastaria para tornar patente, não só o papel activo que elles teem desempenhado no governo dos seus paizes, mas ainda como essa acção do poder real se exerceu da maneira mais benefica para os respectivos povos ; — podendo-se afoitamente assegurar, por exemplo, que nem a Inglaterra, nem a Allemanha, nem a Italia, nem a Hespanha, nem a Belgica, nem, mais recentemente, a Bulgaria, desfructariam as vantagens da sua actual situação interna e externa, sem o concurso da intelligencia, da iniciativa e do tacto politico dos seus ultimos soberanos, cuja obra é conhecida e notoria.



El-Rei Tudo isto dá á personalidade do Rei
D. Manuel moderno — quando elle verdadeiramente quer ser, como o Senhor D. Manuel II, *Rei do seu tempo* — um character novo, muito particular, muito interessante e sempre, como é de suppôr, inteiramente diverso do que as chronicas, as tradições e as lendas attribuem, provavelmente com uma exactidão apenas mais ou menos approximada, ao soberano absoluto d'antigas eras.

O Tyranno que a commoda e esbaforida eloquencia dos tribunos demagogicos se obstina em representar ainda, segundo as velhas fórmulas, entregue nos recessos mysteriosos do seu paço ás mais negras machinações contra o Terceiro Estado, é por via de regra, n'estes tempos de democratismo, um Principe d'habititos simples, empenhado e interessado mais do que ninguem em servir as geraes aspirações e necessidades do seu paiz, desde que a realeza deixou de representar um poder isolado, dotado de vida autonoma, carecendo de submetter os restantes para não ser subjugado por elles, e passou pelo contrario a exercer no Estado uma funcção correlacionada ás dos outros orgãos de governo.

Veremos adiante em que pensava e de que tratava El-Rei D. Manuel II, no fecundo recolhimento do seu gabinete d'estudo, ao tempo em que uma turba-multa d'ineptos e d'energumenos, preparando a calamidade nacional que soffremos n'este momento, se entretinha a ludibriar o seu publico com as promessas mais absurdas e as concepções mais idiotas — tudo isto sem deixar de frisar, n'um tom grave, adouorado e por isso mesmo infinitamente comico, a *inexperiençia*, a *infantilidade*, a *falta de preparação* do Monarcha que era já então, como o leitor vae poder verificar, um homem de governo de superiores faculdades e de penetrantes intuições, e que d'este officio sabia mais a dormir do que sabem, acordados, todos os « estadistas » da Republica.

Hoje, com aquella grave e discreta serenidade que é uma das suas forças, — muito intelligente e muito culto para suppor viavel e duradoira a Republica, excessivamente homem d'espírito para a poder tomar a serio a não ser pelos males temerosos que acarreta á nação, pelos soffrimentos que inflige aos portuguezes em geral e especialmente aos mais devotados monarchicos — o Senhor D. Manuel continua calma e regularmente trabalhando na sua profissão de Rei, e em cada hora mais apto a reger notavelmente o seu paiz — como aquelle general atheniense que votado uma vez ao ostracismo, cem dias e cem noites não largou o capacete e o escudo, e sobre a estrangeira praia lacedemonia, figurando na areia problemas estrategicos, esperou imperturbavel a trireme veleira, que a patria acabou por lhe mandar para o repôr á frente dos exercitos...

Esta segura confiança do Soberano no termo breve da funesta e, aliás, ja virtualmente fallida aventura republicana — que passou em Portugal com todos os accidentes e perturbações característicos d'uma doença aguda e portanto ephemera — é mesmo uma das mais interessantes impressões que immediatamente recebem todos que se acercam do Senhor D. Manuel. E não é preciso que S. M. nos queira incu-

tir essa impressão d'uma forma expressa e propositada : ella resulta natural e simplesmente do tom da conversa, d'um *tour* de phrase, d'uma palavra soltada do modo mais espontaneo e desprevenido.

De cada vez que os nossos picarecos « homens d'Estado » actuaes perpetram no Terreiro do Paço mais uma tolice assignalada e cheia de consequencias, onde ella se sente primeiro não é no paiz, é em Richmond : « *Como havemos nós de remediar isto? Como ha de a Monarchia valer a esta situação, evitar aquelle effeito, conjurar taes e taes perigos?...* » E estes provisorios e frustes governantes republicanos nem imaginam as attribuições que os seus despauterios mais sensiveis vão determinar no espirito do moço Rei, que, representante legitimo do paiz, e sabendo-se destinado a reassumir mais dia menos dia as funcções da sua magistratura suprema, vê por isso mesmo apprehensivo, em cada novo erro e em cada novo dilate do anormal periodo que atravessamos, mais um problema e mais uma preocupação, a ajuntar ás muitas que hão de assoberbar amanhã a actividade dos dirigentes monarchicos.

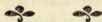
Por isso tambem, nada mais curioso, e ao mesmo tempo mais intelligente e mais patriotico, do que o trabalho methodicò e continuado a que S. M. se entrega como a um dever profissional, seja no estudo attento e pormenorizado da vida politica, economica e social d'aquelle grande povo, que é tão proprio para formar e elucidar governantes, seja no tranquillo remanso da sua residencia d'Abercorn, recolhida para dentro d'uma cerca silenciosa, e debaixo de cujo tecto o Senhor D. Manuel II leva ha dois annos aquella vida simples, patriarchal e laboriosa de fidalgo rural e lettrado, que sempre tanto amaram os Principes da sua casa.

Eu chamaria de bom-grado um laboratorio — o *laboratorio dos contra-venenos* — a sala rectangular onde recentemente, ao ter a honra de ser recebido por El-Rei, pude avistar entre agrupamentos de livros largos cadernos de papel, cheios de documentos, de

calculos, de relatorios, d'annotações, como *dossiers* de repartição, e que representam o resultado d'uma assidua collaboração do Senhor D. Manuel com estadistas e com homens technicos nacionaes e estrangeiros, antes e depois dos successos de 1910, tendo em vista o exame de muitas questões de politica e d'administração em Portugal, desde as mais geraes e instantes até outras que se referem a assumptos d'interesse especial d'uma região, d'uma industria ou d'um determinado ramo dos serviços publicos.

Possuidor d'uma d'essas raras energias calmas e reflexivas de que os espiritos superficiaes não se apercebem e que aos olhos de muitos passam mesmo por lentidão, mas que operam prodigios, e que são sempre as mais productivas, o Senhor D. Manuel, sem os irreflectidos arrebatamentos d'um impulsivo mas tambem sem os accessos d'esteril pessimismo que lhes são correspondentes, tem desde o dia 5 d'outubro de 1910 a certeza de que ha de voltar a ser effectivamente Rei de Portugal; e desde que desembarcou em Inglaterra este joven Principe, que momentaneamente liberto das obrigações officiaes da realiza poderia querer desfructar d'animo leve os encantos da sua mocidade e a proeminencia do seu *rang*, ainda não teve a bem dizer outras occupações senão aquellas mesmas que o prendiam horas e horas no Paço das Necessidades, estudando as questões publicas do seu Paiz.

No seu exilio de Richmond, o Senhor D. Manuel II continua sendo o mais fiel, mais sobrecarregado e laborioso funcionario do paiz. Isto faz honra ao mesmo tempo ao seu patriotismo, á sua inflexivel força de vontade — e á sua clarividencia politica.



O Snr. D. Manuel II e as questões sociaes Precisamente no momento em que, por occasião d'uma recente viagem a Londres, nos chegou ás mãos o aviso de que El-Rei D. Manuel se dignaria receber-nos no palacete de Richmond, aca-

bavamos de ler no *hall* do hôtél, em varios d'esses volumosos compendios da vida d'um dia, que são os jornaes matutinos d'aquella immensã metropole, a noticia de que S. M. tinha emprehendido uma serie de visitas a varios institutos d'assistencia social da capital ingleza, taes como Bruce House, Rowton House, Marylebonne Work House, etc.

Un jour journaliste, toujours journaliste — escreveu um francez dos mais illustres, que conhecia este officio e esta raça como as cabeças dos seus dedos. Pois se os confrades britannicos, embora sem esquecimento da discreção tão notavel n'aquelle povo, seguem a toda a parte o popular *King Manuel*, não lhe deixam passar despercebida uma victoria no *tennis* nem uma observação sobre um quadro, e se punham agora a acompanhal-o na sua excursão d'estudo pelas obras sociaes de Londres, não deviamos nós, plunitivo portuguez, aos leitores e a nós mesmo uma informação mais ampla sobre o character d'essas visitas d'El-Rei, sobre os intuitos que as moviam e que não seriam decerto os d'uma curiosidade vã e esteril?

Por isso na tarde seguinte, — logo depois dos primeiros cumprimentos ao Monarcha que Lisboa já hoje, á primeira vista, não reconheceria, com o seu buço que lhe ennegrece o labio superior, transmutado de adolescente que era então n'um desinvolto mancebo em quem a majestade dos Saboyas, a distincção verdadeiramente principesca dos Orléans e a bonhomia affavel dos Braganças se alliaram n'um conjuncto dos mais felizes — o nosso primeiro cuidado foi pedir a El-Rei o favor de nos confirmar aquella noticia dos diarios inglezes.

— Sim — condescendeu gentilmente o Senhor D. Manuel — tenho-me interessado muito pelas instituições de character social na Inglaterra, onde, como se sabe, ellas são modelares ; tanto as officiaes como as que se devem á iniciativa privada, que são ainda mais numerosas e não menos perfectas na sua organização.

Sem hesitações, com uma promptidão e uma jus-

teza assombrosas, como quem estava plenamente senhor de seu assumpto, El-Rei ia citando de memoria numerosas cifras, referindo orçamentos, descremindo-os, apreciando em meia duzia de palavras a utilidade social dos institutos a que alludia.

Aproveitámos então uma pausa de Senhor D. Manuel para accentuar bem a intenção que nos levára a solicitar d'El-Rei estas suas impressões :

— Meu Senhor — dissemos — nós os monarchicos não podemos, na pessoa de V. M. separar do Rei o homem particular...

— Nem eu — acudiu o Senhor D. Manuel.

— E ainda os actos de character pessoal de V. M., queremos acreditar que obedecem geralmente a designios de Monarchia.

— Teem razão — atalhou S. M. — e não é senão pensando no meu paiz e nos meus deveres que eu me dedico assiduamente a estes e outros problemas. Devo confessar-lhe que os que se prendem com os assumptos economicos e sociaes me interessam d'uma maneira muito particular. Já me attrahiam vivamente antes d'este interregno republicano. Hoje porém importam-me com dobrada razão porque, não tenha duvida, quem vae mais funda e prolongadamente sentir os effeitos d'esse desastre nacional são evidentemente as classes proletarias. Depois d'este terrivel periodo de desorganização de trabalho, de paralyzação economica, d'exhaurimento de todas as fontes da riqueza publica e particular, a Monarchia, que deixára o proletariado industrial e agricola ante as perspectivas de melhoria que a prosperidade lenta mas real e segura do paiz lhe fazia entrevêr, vae encontrar agora essas classes lançadas na mais desoladora miseria.

É uma grave questão, que não póde deixar de constituir uma das preocupações primaciaes dos politicos monarchicos.

— Eu sei que V. M. já em Portugal trabalhava muito esforçadamente nas questões d'essa natureza...

— Sim, mas em condições tão differentes d'a-

quellas com que vamos defrontarnos !... Eu conseguira realmente constituir um nucleo d'estudiosos, uns politicos, outros totalmente alheios á politica, mas todos assignalados pelo seu saber, pela sua competencia technica e pela sua devotação ao bem publico — o Conde de Penha Garcia, D. Luiz de Castro, D. Antonio de Lencastre, o dr. Adolpho Coelho, João Perestrello e varios outros, a quem o paiz tem feito justiça ou a fará, quando souber com quanto desinteresse trabalhavam por elle, sem ruido e sem nenhuma especie de exhibicionismo.

Estes trabalhos abrangiam questões de fomento economico, ou então d'assistencia social.

Naturalmente, tudo estava ainda muito em principio, comquanto houvesse já elaborada, documentada e classificada uma serie de projectos, a maior parte dos quaes me ficaram nas Necessidades.

O que ia começar a tornar-se pratico immediatamente era o das casas baratas, que resolviamos pela iniciativa privada. Na altura em que se déram os acontecimentos de 1910 tinhamos concluido os trabalhos e estatutos para se poder iniciar a construcção d'uma habitação operaria.

— Parece a V. M. que o confronto entre essa recatada solicitude pelo proletariado e aquillo que se tem passado sob o actual regimen com as classes trabalhadoras possa determinar uma certa attitude politica de parte do operariado?

— Em primeiro logar — observou El-Rei — eu não sei qual é em Portugal a politica das classes proletarias. Na Monarchia, isto é, sob um regimen de quasi suffragio universal, que mettia no eleitorado a grande massa d'essas classes, os partidos monarchicos tiveram sempre no paiz maiorias esmagadoras. Como este chamado regimen democratico ainda não consultou, na realidade, o voto popular, não sei as modificações que possam ter-se produzido d'então para cá no taboleiro eleitoral.

A verdade é que eu nunca me dei mal, como Rei, com os operarios ; e posso assegurar-lhe que se certos

defeitos de preparação civica precisam ser corrigidos em Portugal, não é na generalidade das classes proletarias que elles abundam mais.

De resto porém, a meu ver as questões d'aquella ordem carecem de ser examinadas por isso mesmo que existem, a bem da harmonia social e da prosperidade collectiva, e não com intuitos d'especulação politica.

As classes operarias fazem parte da nação como quaesquer outras, entram na composição do Estado e teem n'elle os seus direitos. O mesmo progresso do paiz não pode ser regular e normal, emquanto uma parte d'elle, e exactamente a mais numerosa, não tiver obviado ás suas necessidades economicas e não possuir até um minimo de commodidades. É necessario assentar em bases solidas a organização do trabalho, como a da propriedade, como a da industria, como a da familia, como a de todas as instituições e manifestações da actividade social, ou como a de todos os elementos da riqueza publica. Em resumo pois, a questão especialmente chamada social é uma questão publica como qualquer outra, cujas soluções teem que ser estudadas por motivos d'interesse colectivo como tantas mais, mesmo quando importam designadamente a certas e determinadas classes do Estado.



O proletariado e a Republica — Se por uma accentuada modificação na tactica do proletariado — continúa El-Rei — a chamada lucta das classes tende já a transformar-se em muita parte n'uma verdadeira cooperação, feita de mutuas transigencias entre o capital e o trabalho, esse accordo de legitimos interesses e deveres reciprocos teria sido, antes da Republica, excepcionalmente facil em Portugal, onde a evolução das fórmias e dos regimens economicos se fez, desde os mais remotos seculos, d'um modo geralmente pacifico, em contraposição das perturbações que a acompanharam em outros povos.

Foi a propaganda republicana que sentindo a vacuidade da sua formula politica, aliás inadapavel ao nosso paiz, procurou, junto das camadas populares, apoiar-se n'uma plataforma economica, constituida, de resto, sobre as mais perigosas noções, as mais absurdas esperanças, os sophismas mais pueris e os promettimentos mais insesatos, ou irrealisaveis. Mas a Republica, depois de ter mostrado ás camadas populares todas estas visões falazes, não lhes deu afinal uma unica realidade — a não ser a da mais violenta e cruel oppressão politica e a da mais dura e algida miseria, que fará provavelmente abater sobre algumas regiões de Portugal esse flagello da *fome*, até aqui desconhecido, felizmente, da nossa modesta mediania de remediados !

Politicamente, o governo estabelecido no paiz pela artificiosa aventura de 1910 não outorgou, nem lhe era facil outorgar, ás classes proletarias direitos e regalias que ellas não possuissem dentro da Monarchia constitucional. Não havia em Portugal nenhuma legislação restrictiva de direitos politicos para determinadas classes, nenhum privilegio para outras. Vivia-se n'um regimen d'igualdade perante a lei. Actualmente, pelo contrario, as classes operarias em Portugal soffrem, como o paiz no seu conjuncto, do cerceamento geral das liberdades publicas em proveito d'uma pequena minoria, que é o que tem sido uma das characteristics do regimen republicano.

Sob o ponto de vista economico, tambem nada fez a Republica no sentido de melhorar, nem a organização e o regimen de trabalho, nem as condições materiaes da existencia do operariado.

(*Continua*)

ANNIBAL SOARES.